

GEOZINE: linguagem para o ensino do conteúdo de região na geografia escolar

GEOZINE: LANGUAGE TO THE TEACHING OF REGION IN THE SCHOOL GEOGRAPHY

ANTONIO MARCOS GOMES DA SILVA

Licenciado em Geografia (URCA) e Mestre em Geografia-GEOPROF (UFRN)

Professor Substituto do Departamento de Geociências (URCA)

amgs.gomes@gmail.com

EUGÊNIA MARIA DANTAS

Licenciada em Geografia (UFRN), Mestre em Ciências Sociais (UFRN) e Doutora em Educação (UFRN)

Professora titular (UFRN)

eugeniadantas@yahoo.com.br

RESUMO: ESTE ARTIGO ABORDA A LINGUAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA. SURGE DA SEGUINTE PROBLEMÁTICA: QUAIS LINGUAGENS SÃO RELACIONADAS AO CONTEÚDO DE REGIÃO QUE ESTÃO PRESENTES NO ENSINO DE GEOGRAFIA? DENTRO DO ENSINO SOBRE REGIÃO, NO ÂMBITO DO 7º ANO, CONSIDERANDO O USO DE DIFERENTES LINGUAGENS EM ESCOLAS PÚBLICAS DA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE, REALIZOU-SE, METODOLÓGICAMENTE, UMA PESQUISA EXPLORATÓRIA EM DOCUMENTOS COMO PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS-PPP, REGIMENTOS ESCOLARES-RE E O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA; OBSERVAÇÕES E REGISTROS DAS AULAS DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA NO 7º ANO SOBRE O CONTEÚDO REGIONAL COM O PROPÓSITO DE IDENTIFICAR O USO DAS LINGUAGENS NO ENSINO DE REGIÃO. ISTO NOS LEVOU A VERIFICARMOS LACUNAS QUANTO AO USO DE LINGUAGENS DIVERSAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA. ASSIM, SITUAMOS O GEOZINE COMO UMA LINGUAGEM QUE COMBINA ESTETICAMENTE DIFERENTES ELEMENTOS ARTÍSTICOS, TEXTOS EM PROSA E VERSOS, IMAGENS, COLAGENS, QUE AMPLIA AS CONDIÇÕES METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA. O GEOZINE SE CONSTITUI COMO UMA RELEITURA DO FANZINE, PORÉM, COM UM OLHAR DE REFLEXÃO DE CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS GEOGRÁFICOS, QUE USA A ARTE E AS LINGUAGENS CRIADAS PELOS ALUNOS, E ONDE O PROFESSOR É O MEDIADOR QUE, ENTÃO SE REFAZ ENQUANTO EDUCADOR.

PALAVRAS-CHAVE: REGIÃO; LINGUAGEM; GEOZINE.

ABSTRACT: THIS ARTICLE ADDRESSES LANGUAGE IN GEOGRAPHY TEACHING. IT ARISES FROM THE FOLLOWING PROBLEMATIC: WHICH LANGUAGES ARE RELATED TO THE CONTENT OF REGION, PRESENT IN THE TEACHING OF GEOGRAPHY? THE ISSUE LEADS US TO UNDERSTAND THE CONTENT OF THE REGION IN THE 7º YEAR, CONSIDERING THE USE OF DIFFERENT LANGUAGES IN PUBLIC SCHOOLS IN THE CITY OF JUAZEIRO DO NORTE. METHODOLOGICALLY, EXPLORATORY RESEARCH WAS CARRIED OUT ON DOCUMENTS SUCH AS POLITICAL-PEDAGOGICAL PROJECTS-PPP, SCHOOL REGARDS-RE AND THE TEXTBOOK ON GEOGRAPHY; OBSERVATIONS AND RECORDS OF THE TEACHERS' CLASSES OF GEOGRAPHY IN THE 7º YEAR ON THE REGIONAL CONTENT WITH THE PURPOSE OF IDENTIFYING THE USE OF THE LANGUAGES IN THE REGION TEACHING. THUS, WE FOUND GAPS REGARDING THE USE OF DIVERSE LANGUAGES IN THE TEACHING OF GEOGRAPHY. SO, WE PLACE THE GEOZINE AS A LANGUAGE THAT AESTHETICALLY COMBINES DIFFERENT ARTISTIC ELEMENTS, TEXTS IN PROSE AND VERSES, IMAGES, COLLAGES, WHICH EXTENDS THE METHODOLOGICAL CONDITIONS FOR THE TEACHING OF GEOGRAPHY. GEOZINE IS A RE-READING OF THE FANZINE, BUT WITH A REFLECTION OF THE CONSTRUCTION OF GEOGRAPHIC CONCEPTS AND IT USES ART AND THE LANGUAGES CREATED BY THE STUDENTS, WHERE THE TEACHER IS THE MEDIATOR WHO IS REFASHIONED AS AN EDUCATOR.

KEYWORDS: REGION; LANGUAGE; GEOZINE.

INTRODUÇÃO

Este trabalho surge da necessidade de reinventar a nossa prática em relação ao ensino de Geografia, mediante as experiências na escola básica e no curso de licenciatura em Geografia da Universidade Regional do Cariri (URCA). Como professor dessa área e coordenador pedagógico, na educação básica, estive envolvido nas questões relativas à didática e a organização do bem ensinar. Nesse sentido, a inserção no Programa de Mestrado Profissional em Geografia (GEOPROF) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (URFN) se configurou como uma oportunidade para sistematizar aspectos dessa prática, associando-as às reflexões teóricas, tendo em vista que na maioria das vezes a rotina cotidiana docente não possibilita.

Esse contexto nos levou a querer entender a relação teoria-prática na docência, sendo que para isso verticalizamos o estudo para explorar como a metodologia se apresenta numa estratégia importante na tessitura da linguagem didática. A didática, mais do que uma técnica, se constituía uma experiência com o uso de diferentes linguagens e nisso se configurava um desafio, posto que, o caminho para ensinar não estava pronto, mas refém do painel de linguagens que o professor pode usar em sala de aula. Como experimentar essa linguagem que tem a pluralidade como caminho?

A incursão sobre esse universo remeteu ao encontro da poesia, do texto científico, da fotografia, da canção, da literatura cordelista, da interpretação das sextilhas dos cantadores de viola e da xilogravura como meio para relacionar os conteúdos de Geografia na base da experimentação artística. Um campo vasto se descortinou e requereu a necessidade de buscar uma estratégia em que o ensino pudesse ser conduzido pela aproximação dessas diferentes linguagens estruturando o conteúdo geográfico. Assim, emerge o Geozine como uma linguagem que encontra outras linguagens, e nisso se torna uma possibilidade de ampliação para refletir o espaço geográfico, bem como ensinar Geografia.

Do que está indicado como conteúdo conceitual a ser explorado no ensino básico,

nesta pesquisa priorizamos o viés regional, porque compreendemos que a região é uma escala para a análise geográfica que combina um campo diverso de experiências e que se apresenta difuso em representações e linguagens didáticas.

Neste contexto, esse artigo contém sistematizações que visam responder aos seguintes questionamentos: quais as concepções teórico-metodológicas relacionadas à região que estão presentes no ensino de Geografia? Como o Geozine pode se constituir um suporte de combinações de linguagens diversas para o ensino de região, articulando diferentes escalas espaciais? As questões apresentadas nos conduzem a compreender o processo de ensinar sobre o conteúdo de região, no âmbito do 7º ano, considerando o uso de diferentes linguagens em escolas públicas da cidade de Juazeiro do Norte.

Da pertinência do tema e das dificuldades enfrentadas pelos professores propusemos a confecção e uso da linguagem didática e metodologia do Geozine para o ensino do conteúdo de região.

Nas observações das aulas das escolas Professora Zila Belém, Mário da Silva Bem e José Geraldo da Cruz e verificamos que os materiais didáticos que auxiliam a prática do professor estão pautados no livro didático de Geografia, na oralidade, na lousa e na sistematização dos conteúdos. Diante dessa constatação percebeu-se uma lacuna, justamente na utilização de linguagens diversificadas. Para contribuir com a diminuição das dificuldades encontradas, desenvolvemos os Geozines, que se constituem uma possibilidade para o professor se aproximar de diferentes linguagens e torná-las dispositivos didáticos. Os Geozines são confeccionados com esse propósito de conectar teoria e prática.

Instigamos os alunos a pensarem geograficamente a partir do campo de experimentação da arte. O Geozine fornece subsídios metódicos para o pensamento espacial geográfico. Enquanto linguagem à Geografia escolar, funciona como possibilidade de abordagem para se ensinar conteúdos geográficos.

Neste trabalho apresentamos o Geozine como linguagem que pode ser incorporadas à

prática docente, a partir de oficina realizada com professores da educação básica.

O professor de Geografia é o protagonista no ensino, mas ao mesmo tempo, é tímido nesse exercício, como podemos ver nas descrições relativas à área de estudo. Naqueles espaços escolares, os problemas de indisciplina, de dispersão, de falta de interesse parecem sobrepor aos desafios didáticos ou os desafios didáticos se reduzem ao estabelecimento de controles que ultrapassam o conteúdo, sucumbem ao tempo e aniquilam a matriz geográfica. Afogados nos problemas, os professores esquecem as múltiplas linguagens que podem fazer parte do seu acervo de ensino.

Em meio ao que se deve ensinar na escola em Geografia, o conceito de região além de ser polêmico e polissêmico é um dos estruturantes do pensamento geográfico e, também, um dos principais a ser ensinados pela Geografia escolar. Vimos durante as observações das aulas que os professores, em sua maior parte, trabalham esse conceito e o respectivo conteúdo, seguindo o roteiro previsto no livro didático, com poucas variações ou deslocamentos. Nas escolas José Geraldo da Cruz e Professora Zila Belém pudemos perceber uma tentativa de tematização com a aproximação da realidade do Cariri Cearense.

No entanto, o esforço não foi acompanhado de uma diversificação dos materiais didáticos e das linguagens que abordam esse recorte regional. Nas escolas, o conteúdo regional recobre o território brasileiro requerendo, do professor, lidar com a escala como uma dimensão que permite problematizar o sentido de próximo e distante, referências espaciais para o ser que está no mundo. Dessa perspectiva, a região é uma escala e os recortes feições espaciais. O Norte, o Nordeste e o Sudeste se apresentaram, até certo ponto, como conteúdo deslocado dessa condição, o que se revelou uma abordagem, em certa medida, linear dos aspectos físicos e humanos. Na literatura sobre o ensino de região na escola, o mais importante é traçar estratégias que permitam o tráfego, a transição, a provisoriabilidade dos conceitos para se mover entre níveis distintos de complexidade e de desenvoltura cognitiva.

O ensino do conceito de região deve atender às expectativas do público que estão na transição da infância à adolescência. A metodologia, os recursos didáticos, o professor, o aluno, os conteúdos, a avaliação e as experiências individuais dos sujeitos que fazem parte do processo de ensino na escola influenciam diretamente na aprendizagem, e, estabelecer a conexão da significação da expressão conceitual é tão complexo como as escolhas metodológicas que o professor faz ao trabalhar os conteúdos da Geografia.

O professor auxilia o aluno na construção conceitual, a partir das situações de aprendizagem criadas em aula, dos materiais didáticos usados e da sua adequação, pois a formação do conceito de região e o significado pelos alunos dependem das formas de ensino do professor. Assim as linguagens usadas didaticamente são como veículos que ampliam a compreensão espacial geográfica.

USO DE LINGUAGENS NO ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR

Quando nos referimos ao uso de linguagens na sala de aula para ensinar Geografia, nos utilizamos de instrumentos da comunicação social. Na sua metodologia o professor pode usar elementos textuais e não textuais para tratar dos conteúdos de Geografia na intenção de assumir um caráter pedagógico.

O entendimento sobre o mundo se deve às variadas formas e representações. O universo que abrange as linguagens possibilita comunicações em plataformas virtuais, em livros, jornais, placas e desenhos, pois há comunicações na maioria das coisas.

Nesse sentido, o professor, ao mediar aprendizagens de Geografia, reconhece o aluno como protagonista da construção de seu conhecimento. No entanto, para que os alunos sejam reconhecidos como sujeitos protagonistas do conhecimento, há que se destacarem as práticas docentes que passam. O verbo ensinar requer uma ação prática e as mediações nas escolas surtem um efeito positivo quando são consideradas as

experiências e vivências dos alunos e quando esses associam seu mundo ao conteúdo.

A arte, no entanto, vasa e extrapola as referências sobre o pensamento fragmentado, ao invés de separar, a arte une. E dentro desta perspectiva, apostar numa relação de ensino, em que a arte faça parte do processo da educação, é sem dúvidas indicar caminhos.

As canções, as pinturas, as partituras, os textos literários e tantas outras formas de linguagem podem compor a linguagem didática, se estabelecendo como uma condição para ampliar a comunicação no âmbito do ensino em sala de aula. A arte, de maneira geral, se inscreve sob a ótica de gerar comunicação. Mas é, justamente, dentro da comunicação artística que se abrem possibilidades no entendimento do mundo, pois a leitura e aproximação geográfica partem da habilidade da conotação do professor para estabelecer o significado desejado, a depender da intencionalidade na aula. É na intencionalidade didática que o professor passa a subscrever os meios que geram comunicação, cada um com suas especificidades, como possíveis de análises e entendimentos geográficos.

Na metodologia o professor pode escolher trabalhar com canções que tratam da temática em questão, pois proporcionam uma assimilação com o conceito de região. O seu uso, no ensino, e a reflexão com as letras, bem como os ritmos envolvem o trato espacial no ensino dos conteúdos da Geografia, o uso da linguagem didática como a canção, enquanto elemento artístico aproxima ao raciocínio espacial.

Em se tratando do Cariri Cearense há referências de composições e compositores que imprimem as características da região Nordeste do Brasil. Entende-se que o forró e seu movimento rítmico anunciam a sociedade sob o ponto de vista da representação cultural em que “Inserido em um contexto sociocultural particular, cada sociedade produz sua cultura e dela é resultado” (DOZENA, 2016, p. 375).

A dimensão espacial do Cariri Cearense se dá na compreensão de expressões como o forró, xote, baião, a literatura de cordel, o catolicismo

popular, reisado, repente, poesia, xilogravura, arte em couro e em madeira, das renovações do Sagrado Coração de Jesus. Uma das canções que tratam do Cariri Cearense é de autoria de Flávio Leandro, intitulada de “Caro Cariri”. Na letra são apresentados alguns dos municípios do Cariri Cearense. Com o auxílio de um mapa, ao tratar desses municípios, pode-se pedir para os alunos identificá-los espacialmente, bem como fazer um levantamento das características culturais, econômicas, históricas e sociais. O professor de Geografia pode iniciar as discussões, por exemplo, solicitando aos alunos que identifiquem uma manifestação típica do Cariri Cearense, por exemplo, a Renovação do Sagrado de Jesus, que coincide com uma data festiva da família, como a data do casamento dos donos das casas, a família toda se envolve nos preparos. As paredes das salas da entrada da casa são reservadas aos Santos Católicos, a imagem de “Nosso Senhor”, “São Lázaro”, “Santa Luzia”, “Nossa Senhora da Penha”, “Padre Cícero”, “Frei Damião” dentre outros, são distribuídos e decorados com flores nas paredes, há uma mesa abaixo dos Santos com arranjos e castiçais.

O corpo, na dança, ao se entregar a um ritmo também comunica uma espacialidade. Daí o reisado se insere nesse movimento de interpretação espacial que carrega um sentido geográfico no qual podem ser associados os conteúdos escolares.

O ensino deve ser contextualizado com a realidade dos alunos. Neste caso, as expressões culturais que formam o Cariri Cearense, como a expressão e corporeidade do reisado, podem proporcionar a dimensão espacial do conceito de região.

LINGUAGEM DO GEOZINE: EXPERENCIAÇÃO PARA ENSINAR GEOGRAFIA

Pergunta-se: como o Geozine pode se constituir um artefato de combinações de linguagens diversas para o ensino de região, articulando diferentes escalas espaciais?

Iremos aprofundar uma metodologia, que para nós tem a possibilidade de combinar em um único material didático várias expressões e

linguagens, criando uma comunicação para o ensino de Geografia, o Geozine. Este se constitui numa composição artística, pois “[...] a questão da linguagem geográfica, seus limites e potencialidades, a partir do encontro com as linguagens imagéticas elaboradas no campo de composição artístico” (FERRAZ, 2017, p. 64). O Geozine, que se aplica ao ensino da Geografia escolar, é uma linguagem que usa o recurso imagético, sendo desta feita uma recriação da ideia de Fanzine.

O surgimento da ideia e proposta do Geozine está atrelado ao fazer cotidiano e a insatisfação com esse mesmo fazer. A partir disso, apontamos o Geozine como linguagem para exercitar essa inquietação criativa para ensino de Geografia.

A proposição e reflexão da linguagem didática do Geozine, como constituição e contribuição ao pensar geográfico, é a soma das escolhas e dos caminhos traçados na concepção e necessidade de reinventar a nossa prática. Essa é a aposta no que está fora, ou seja, apostar na criação a partir do que já existe e se tem no espaço escolar.

A criação do Geozine surgiu no exercício docente como professor do Setor de Ensino do Departamento de Geociências da URCA em Crato, ministrando aulas no curso de licenciatura em Geografia quando já realizávamos as práticas de elaboração dos Geozines com nossos alunos. Para pensar a prática foi significativa a nossa experiência na Educação Básica na Escola São Pedro e Otacílio Pereira, ambas em Juazeiro do Norte, o que nos remeteu ao aprimoramento das habilidades construídas ao longo da formação. De maneira mais efetiva quando da realização da disciplina “Material didático e ensino de Geografia”, ministrada pelo professor Adriano Lima Troleis no GEOPROF, na UFRN em Natal-RN.

O diagnóstico que fizemos, do ensino de Geografia no 7º ano em 03 (três) escolas do Juazeiro do Norte, nos colocava diante do desafio de dispor para os professores outras estratégias para ensinar sobre o conteúdo de região além do que estava no livro didático. Na pesquisa que fizemos foi diagnosticado que o livro é a fonte primeira e quase única utilizada para o planejamento e a prática do professor. Vimos, a partir de observações de

algumas aulas, a indisciplina e o desinteresse dos alunos em participar das discussões. Percebemos, também, a carência de recursos para situar melhor os conteúdos e mesmo a não utilização de materiais que pudessem se incorporar as aulas. Essas lacunas podem assumir diversas explicações, mas talvez, a mais forte seja a falta de direcionamento para o professor quanto a ter pistas de como relacionar o conteúdo a aspectos da realidade do aluno. Outra explicação é de não trazer para a sala de aula diversas linguagens que tratam da região onde vivem os discentes, o que pode ser visto como um limite para ampliar o diálogo, o interesse pela leitura, a interpretação e a aprendizagem. Nessas condições, sugerimos algumas pistas de como explorar a região a partir de suas sistematizações locais, indicando tematizações e roteiros. Aqui, descrevemos a experiência com o Geozine.

O que pareceu evidente com a pesquisa foi a necessidade de trabalhar com os professores estratégias de uso de linguagens no contexto da didática. Para isso, o Geozine, que era utilizado como meio aprisionado a minha prática docente, se tornou um campo de experimentação para ser tramado na prática de outros professores. Essa extensão da minha experiência docente para se tornar experiência com os outros se configurou na possibilidade de refletir sobre as linguagens no âmbito do ensino da Geografia e, mais, serviu para tornar o fazer educativo numa práxis que faz “[...] queimar o possível de nossa linguagem científica e instaurar outros mundos” (FERRAZ, 2017, p. 98).

Desta feita, ao invés do professor levar e fazer a sistematização do conteúdo sobre a região Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste apenas utilizando o livro didático, ele pode planejar para que os alunos criem revistas do tipo Fanzine, que no nosso caso se constitui Geozine. Nessas estratégias, o aluno é motivado a pesquisar sobre essas regiões a partir das referências do livro didático, inclusive, mas também ampliando para fontes como *sites* da *internet*, revistas e jornais, colagens e desenhos, e também pode essa ampliação ser feita sobre a própria região onde eles vivem.

O Geozine é uma metodologia de ensino a partir da combinação que usa a arte e as linguagens

criadas pelos alunos, onde o professor é o mediador que se refaz no corte e recorte na sala de aula. O Geozine é, neste caso, uma forma de comunicação geográfica e torna-se uma linguagem didática para a Geografia escolar. Ele é uma releitura do Fanzine, com o olhar voltado especificamente para os conteúdos geográficos. É um trabalho que pode ser feito individual, em dupla ou em equipe.

Na produção da revista Geozine os alunos desenvolvem habilidades cognitivas fundamentais para pesquisa, como: ler sobre os assuntos, selecionar informações, buscar materiais diversificados que representam o conteúdo, pensar a organização do material, dentre outros. É na liberdade do pensar e do fazer na criação da revista, que vão se revelando para o professor as potencialidades e os limites dos alunos.

O processo de criação de Geozine consiste na produção de revistas com conteúdo geográfico a partir de uma folha de papel A4, onde os alunos estão a aprender por meio de inspiração artística. Na criação dessas revistas o aluno associa o conceito para as representações a serem feitas.

O conteúdo de região é amplo e variável quanto aos temas que podem ser explorados para construir o Geozine. Ao indicar o tema o professor pode orientar sobre o que selecionar para religar o conteúdo a um contexto. Nisso vem o desafio de lidar com imagens, mapas, ponto de vista, canções, de conectar o conteúdo ao cotidiano, de escrever e desenvolver versos, dentre outros. Para tanto, o Geozine se torna uma linguagem didática elaborada a partir de diversas linguagens, sendo o aluno o seu organizador. Com isso, o discente estará desenvolvendo habilidades como as de identificar, associar, relacionar, comparar e interpretar.

Os alunos, na perspectiva da aprendizagem que requer quem vos ensinam, anseiam demonstrar que fazem parte do processo de ensino numa sala de aula. Nisto é preciso que os professores usem de caminhos e experiências que os alunos de fato estejam ativos no que diz respeito a aprender, e as linguagens são os itinerários que viabilizam a relação do conteúdo com o mundo.

Desde o planejamento do conteúdo a ser ensinado até a representação desses nas páginas,

e as ilustrações a serem feitas, o sujeito está organizando em seu pensamento, dando sentido ao conteúdo. A mensagem a ser transmitida até o modo como o receptor irá interpretar a ideia representada fazem parte de todo o processo de construção do Geozine. Na perspectiva do uso das linguagens, no fazer docente, a partir da elaboração dos Geozines, além de ser uma forma de utilizar a criatividade os alunos estão envolvidos em todo o processo de confecção. É necessário que o professor oriente, direcione e indique os caminhos a serem seguidos pelos alunos. É preciso manter o sentido pedagógico. Na confecção do Geozine, a partir da escolha do tema a ser ensinado e construído pelo aluno, por exemplo, o conteúdo de região, necessita conectar a sua ideia inicial a outras definições e conceitos.

No Geozine há combinações de áreas distintas do saber. Quando o aluno está selecionando uma imagem para representar uma dada característica da região, o mesmo já acionou e estabeleceu mentalmente a conexão com a palavra. A escolha da representação não é aleatória, então, o conceito em si, tem importância a partir da ligação da palavra. Escolher um verso de um poema, para anunciar uma característica regional põe o aluno na ligação externa e interna ao conceito, neste sentido, como apontou Vygotsky (1998), para falar do geral ele necessitou partir do particular. É, portanto, uma atividade intelectual que sintetiza, simboliza, torna-se um signo, com sentido, pois foi necessário escolher caminhos.

O trabalho se desdobra em duas abordagens distintas. A primeira abordagem passa pela originalidade artesanal, tendo em vista que, um Geozine não será igual ao outro, mesmo que feitos pela mesma pessoa. Serão impressas as “marcas” e características de quem o produziu, sendo desta forma um meio pelo qual podemos mensurar o nível de entendimento sobre o tema ensinado. A segunda abordagem, e a mais importante, é o trabalho intelectual e o exercício do pensamento. Consiste num momento em que a criatividade é o combustível indispensável, chega a ser uma produção artística, de estética que imprimem singularidades. Assim, além de

aprender o que se espera, o sujeito, na verdade, mostrará os seus mundos.

Para produzir um Geozine, conforme Silva (2018), o professor deve seguir uma sequência didática de modo que os alunos entendam o propósito do conteúdo no contexto e aprendam. Os procedimentos metodológicos estão a seguir especificados:

Escolha do conteúdo e tema geográfico

É o início do processo de criação do Geozine. O professor define e explana com os alunos o conteúdo a ser ensinado, a partir do planejamento, discutindo as variações de interpretações e possibilidades de entendimento sobre o conteúdo. Quanto mais elementos os alunos tiverem sobre o assunto, melhor. Se possível, para dar conta dessa dimensão, o professor deve iniciar a exploração com o material mais próximo do aluno, em seguida usar exemplificações da sua escala de conhecimento. Segundo, é preferível que os livros didáticos e paradidáticos sejam utilizados como fonte de pesquisa para os alunos compararem as informações apresentadas com a sua realidade. É aconselhável, também, a leitura de textos informativos onde são buscadas respostas pertinentes às indagações iniciais apontadas no primeiro momento.

Preparação do ambiente

A partir das explicações do professor sobre o conteúdo geográfico, é a vez de abordar sobre as formas de comunicação, neste caso, iniciar falando de como os grupos humanos se entendem, pela forma escrita e também pelo recurso imagético. Deve abordar a arte como expressão comunicativa humana, e nisso falar do Geozine. O professor pode levar revistas, livros didáticos, giz de cera, tinta guache, lápis preto, canetas, colas etc., e/ou solicitar aos alunos que levem os materiais necessários. Para fazer o suporte material da revista é preciso: uma folha de papel A4, grampeador ou barbante para afixar as páginas. Dobre a folha ao meio da parte maior para a menor, depois dobre novamente, terá

um bloco com 8 páginas, quando dobrar terá uma estrutura de $\frac{3}{4}$ da folha A4. Em seguida use um grampeador ou perfurador para fazer a sustentação das páginas. Reserve uma das páginas iniciais para fazer a capa, contendo o tema de Geografia indicado na aula. Se preferir enumere as páginas subsequentes, selecione as imagens que achar necessário, faça recorte de palavras em revistas e as cole para dar sentido a sua ideia em relação ao conceito. Em relação ao conteúdo conceitual de região, lembre-se das características culturais, sociais, humanas, econômicas, naturais entre outras.

Entendendo para agir

A esta altura os alunos, na indicação do professor, já sabem as diferentes abordagens sobre o conteúdo a ser apresentado, ao fazer a seleção do que representar para compor a revista do Geozine, já associam ao conteúdo conceitual trabalhado na aula. Só é possível no Geozine materializar o que se aprendeu do conteúdo. Aqui deve ser explicada a necessidade e intencionalidade de aprender sobre a temática, ou seja, oportunizar e explorar a abstração conceitual de região, das mídias de comunicação como a canção, os textos impressos, neste sentido, sondar o que os alunos já entendem sobre a temática de região. Esse é o momento de lançar ideias e aparecerem as dúvidas, além disso, orientar em relação a finalidade da atividade.

Agindo e entendendo

A partir dos comandos do professor, o aluno terá que fazer um exercício de pesquisa. Pode sugerir que os alunos iniciem a investigação a partir do livro didático incentivando-os a buscar outras fontes de pesquisa. Nesta etapa, decorrente da anterior em que o professor explica os conteúdos conceituais, os alunos devem ser orientados a dar um significado imagético, por exemplo, aos conceitos que o professor se reporta. O ideal é que o professor proponha aos alunos que façam os Geozines em dupla, pois ele poderá fazer um acompanhamento do trabalho em equipe, uma vez que os alunos podem aprender em diálogos aos

seus pares. O professor pode orientar os alunos sobre o significado de determinados conceitos e com isso sugerir imagens para as colagens e representações a serem materializadas no Geozine.

Compartilhando ações

O professor pode junto aos alunos fazer uma roda de conversa para entender o que alunos aprenderam sobre o conteúdo materializado no Geozine. Em seguida auxiliar os alunos a expor as suas pesquisas comparando o que eles produziram com os conteúdos indicados no livro didático.

Avaliando a prática e alimentando dúvidas

O professor, ao verificar o que os alunos aprenderam a partir da construção dos Geozines, pode trabalhar sobre as dificuldades apresentadas por eles. Avaliar a prática constitui o caminho ideal para que os alunos e o professor compreendam que fazem parte do mesmo processo: o de ensino e de aprendizagem.

Constatamos que uma das dificuldades dos alunos, na formação inicial em licenciatura geográfica na URCA, quando da realização dos estágios supervisionados, diz respeito à operacionalização dos conteúdos conceituais na prática, estabelecendo a conexão entre os temas geográficos de forma que os seus alunos entendam. Isso pode representar, em primeiro lugar, uma falha na formação, pois os alunos ao não se sentirem seguros no que fazer em sala de aula a partir das indicações teóricas feitas pelos formadores, acarreta um prejuízo e a assertiva da disparidade entre teoria e a prática; em segundo lugar, esses profissionais, após concluírem a licenciatura, irão à sala de aula, lugar próprio e de excelência de alguns licenciados, logo, até que se estabeleça uma relação entre o “visto” na universidade e a prática escolar, pode contribuir fortemente para o desprestígio para o ofício de professor. Então, é na formação inicial em que se deve lançar sementes de possibilidades para aprender e ensinar Geografia, com cuidado nas sementes de regá-las na medida adequada para que as árvores cresçam bem, e podá-las quando

necessário para que os frutos sejam bons e sadios.

Geozine à prática docente

Realizamos uma oficina sobre a linguagem do Geozine no dia 05 (cinco) de abril de 2018, com dois 02 (dois) professores de Geografia os quais observamos as aulas. Os professores que participaram da oficina foram Iverson do Nascimento e Maria de Fátima, professores da escola Mário da Silva Bem e José Geraldo da Cruz, respectivamente.

A oficina foi dividida em dois momentos: o primeiro para situar os professores sobre as nossas impressões considerando as observações das aulas e a possibilidade de agregar outras metodologias de ensino às suas práticas; o segundo consistiu numa explanação sobre comunicação, a diferença entre o uso de objetos que comunicam e a linguagem relativa à fala e oralidade, bem como o que significa linguagem didática; e o terceiro momento se constituiu na reflexão do espaço geográfico regional por meio do Geozine e na confecção das revistas.

A partir da contextualização com os professores sobre linguagem, solicitamos que, dentre os temas de conteúdos sobre região, precisamente os do 7º ano, eles se sentissem mais confiantes em ministrar, bem como o que sentiam mais dificuldades para iniciar a reflexão sobre o Geozine. Na medida da apresentação das dificuldades íamos discutindo sobre região, ensino, linguagem e material didático.

A partir das falas dos professores sugerimos intervenções no que diz respeito às realidades de cada escola. Neste direcionamento relatamos sobre as experiências com a linguagem do Geozine. Na explanação sobre as linguagens e as contribuições dessas para oxigenar o pensamento para entendermos o espaço geográfico, os professores participavam da oficina, pois as sugestões e os debates a respeito do conteúdo de região inseriam sentido didático ao fazer docente.

Levamos para essa oficina os seguintes materiais: folhas de papel A4, tinta guache, lápis de cor, giz de cera, tesoura sem ponta, grampeador, revistas, livros, atlas geográficos, letras de canções impressas, régua, transferidores e cola branca. Colocamos todo o material por sobre a mesa para

que os professores se apropriassem, tocassem para sentir as formas e os cheiros. Fizemos uma contextualização com os conteúdos ministrados nas suas aulas desses professores ao passo que estabelecíamos conexão com o livro didático de Geografia utilizado por eles. Com isso entregamos a cada um deles uma folha de papel A4 para que fosse feita a estrutura básica da revista Geozine.

Segurávamos nas mãos uma folha de A4 e indicando os passos aos professores: dobramos a

folha ao meio, de modo que ficou num formato $\frac{3}{4}$. Os professores ao fazer a estrutura básica optaram por construir os Geozines sob as temáticas dos conteúdos conceituais de região sendo: o recorte espacial do Cariri Cearense e da região Nordeste (Figura 1). A escolha dos professores se deu com a indicação dos desafios enfrentados para se ensinar tais conteúdos nas salas de aula e pela vivência deles.



Figura 01 | Geozine
Fonte: O autor, 2018.

A professora Maria de Fátima optou por falar sobre o Cariri Cearense, pois foi em uma das aulas que observamos que a mesma abordou tal conteúdo conceitual e se sentia mais segura; já o professor Ivison do Nascimento por ter maior identificação pelo Nordeste – segundo as suas palavras - construiu o Geozine sobre essa região.

Depois de definido o conteúdo a ser trabalhado abriu-se o momento para a realização de pesquisa sobre o que representar. Para isso os professores fizeram o uso dos materiais disponíveis. Mais curioso ainda era a procura constante por imagens e mapas para que pudesse dar a representação desejada aos professores (Figura 2).

Na representação do espaço geográfico criada pelos professores, o uso e associação de imagens ao conteúdo conceitual de região foram cruciais. Para eles quanto mais recursos imagéticos tiverem melhor para o entendimento do conteúdo no Geozine. Há o uso recorrente de imagens, mapas e figuras, com o propósito de proporcionar o entendimento espacial junto ao texto escrito.



Figura 02 | O Cariri cearense no Geozine.
Fonte: O autor, 2018.



Figura 03 | Geozine do Cariri Cearense
Fonte: O autor, 2018.

A Figura 3 apresenta o Geozine produzido pela professora Maria de Fátima. Na capa tem-se o conteúdo: Cariri Cearense escrito a lápis de cor verde, ao fundo uma representação em forma de desenho da Chapada do Araripe, logo abaixo recortes que formam a palavra Geozine e também um mapa recortado e colado cujo título é: “Sertão do Cariri”. Nessa parte a professora Fátima combinou os elementos do texto escrito, do recurso imagético das colagens e principalmente do uso do desenho e o uso do lápis de cor para as representações, isso para dar sentido à representação do conteúdo conceitual.

Na página seguinte a professora fez um recorte da canção Caro Cariri de autoria de Flávio Leandro: “Meu caro Cariri, encarecidamente/Venho à tua frente assim de corpo e alma/Venho pedir como pede o romeiro/Que chega em Juazeiro do Padrinho Cícero Romão.” A escolha dessa estrofe apresenta ao leitor o Cariri Cearense pela força religiosa. É a partir dessa referência que é montada a segunda página. São apresentados, por meio de imagens, dois fatores culturais e simbólicos: o primeiro que é a representação do Centro Cultural Mestre Noza com a legenda: “Efervescência cultural”, o segundo a imagem da estátua do Padre Cícero, na Colina do Horto: sob a legenda: “Cultura religiosa”, esses dois equipamentos públicos estão em Juazeiro do Norte (Figura 4). A terceira página está em branco. Segundo a professora é uma forma estratégica que dá a oportunidade de outro sujeito de maneira conjunta apresentar também a sua ideia.

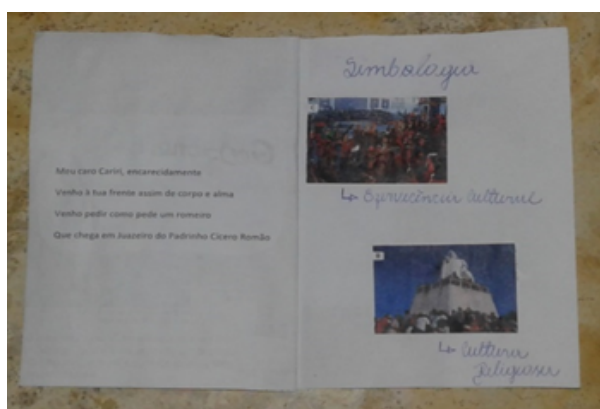


Figura 04 | Representação cultural
Fonte: O autor, 2018.

Já na quarta página, na parte superior consta o título: “Riquezas Naturais”. Nesta página são distribuídas 04 (quatro) imagens: duas quedas d’água e entre elas o Soldadinho do Araripe (*Antilophia bokermanni*) espécie endêmica de pássaro que tem seu habitat na encosta da Chapada do Araripe em áreas úmidas, daí a disposição do pássaro entre as águas e abaixo se tem a representação de uma mata fechada o que caracteriza a Floresta Nacional do Araripe-FLONA.

A quinta página também está em branco, na qual a professora argumentou ser um espaço aberto à imaginação do leitor. Na sua visão não ter nada colado representa a esperança na caatinga. Na sexta página é mostrado, também por imagens, desta feita, na quantidade de 03 (três) a riqueza Paleontológica dessa parte do Ceará.

A seguir apresentaremos o Geozine produzido pelo professor Iverson do Nascimento (Figura 5). A temática proposta foi de produzir sobre a região Nordeste do Brasil. Assim como a professora Maria de Fátima, esse teve total liberdade para materializar as suas ideias, a interferência máxima feita por nós foi de entregar o material que nos solicitavam.



Figura 05 | A representatividade do Nordeste
Fonte: O autor, 2018.

O título do Geozine é “Região Nordeste: temáticas diversas”. O professor cola a imagem de um cacto na capa e em seguida faz as seguintes perguntas: “região de contraste?”, “Por que chove pouco no Sertão?”, “As águas vão rolar?”, e faz a afirmação: “A falta de água na vida do sertanejo” e outra pergunta: Na página 02 desse Geozine o título de “Introdução: seus estados” é a representação do Nordeste e seus estados a partir de um recorte e colagem de um mapa.

Na página 03 do Geozine (Figura 6), Iverson mescla os textos escritos aos recursos imagéticos. A ideia é que o leitor entenda o polígono das secas por meio da combinação desses recursos.



Figura 06 | A pluralidade

Fonte: O autor, 2018.

Na página 04 sob o título: “Nordeste dos contrastes” é ilustrada a miscigenação da população e também a variedade de produção agrícola. Na página 05 a crítica recai sobre a “Indústria da seca”, sobretudo, ao abastecimento de água. Nessa mesma página a expressão espacial da corporeidade está representada na xilogravura do vaqueiro e abaixo a representação da cena do êxodo rural, o homem do Sertão sob o Sol escaldante, ao lado uma ovelha símbolo de adaptação ao clima, se percebe ainda uma ave e os símbolos musicais saindo da sanfona, neste caso uma referência ao gênero musical da região.

Pelas observações do material usado na produção desse Geozine pelo professor Iverson, percebe-se que a junção dos recortes que tratam sobre as condições climáticas da região Nordeste é uma reflexão sobre as questões hídricas. Para

o professor poder expressar de maneira crítica é uma possibilidade viável no seu fazer cotidiano. A Figura 7 mostra a visão do autor do Geozine sobre as questões da população.



Figura 07 | Cercas da seca

Fonte: O autor, 2018.

Há a intensão do professor para abordar sobre a região do Cariri Cearense. Por exemplo, no tópico: “Nordeste: Cariri Cearense é usado em forma de colagem o poema: “Ingém de ferro” de autoria de Patativa do Assaré. Esse poema denuncia as mudanças ocorridas nas comunidades rurais a partir da inserção do engenho de ferro em substituição ao engenho de pau. O que isso significa? No cultivo de cana de açúcar, no Cariri Cearense, a prática rudimentar de preparar a cana de açúcar e o seu beneficiamento mantinha uma rotina, nas paragens sertanejas. Nos versos, o autor declama a sua indignação atrelada ao progresso e consequentemente ao desemprego gerado com a substituição do trabalhador pela máquina.

Como podemos perceber, neste Geozine há uma comunicação espacial geográfica de formas distintas. O uso de mapas, de imagens e figuras que representam um tipo de paisagem e o povo, as atividades agrícolas, notícias de revistas e poema. Nisso consiste a metodologia: combinar coisas distintas da comunicação de modo que haja a interação com o espaço, objeto de análise e ensino da Geografia. A combinação põe em evidência a necessidade de um ensino onde use as características e representação de um dado espaço a partir das referências existentes.

A partir do momento em que o sujeito escolhe uma imagem ou um texto escrito para fazer a colagem ele faz uma escolha que não é aleatória. A todo instante o raciocínio sobre o que fazer está no processo, do início ao fim. Até mesmo as páginas em branco têm um sentido. Os Geozines apresentam linhas comuns de análise espacial. Primeiramente o uso de mapas para localização das regiões do Cariri Cearense e Nordeste. O leitor encontrará nos significados cartográficos um recurso que indica o primeiro passo para caracterização das regiões: a localização espacial. Em seguida, a relação entre o texto escrito e as linguagens imagéticas e cartográficas selecionadas que identificam cada região. As referências das linguagens dos mapas, textos escritos, imagens, canções dão uma base no campo de experimentação do Geozine.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho procurou apontar possibilidades para o ensino do conteúdo de região nas aulas de Geografia no 7º ano do Ensino Fundamental. Existe o ensino dos conteúdos, mas a utilização das linguagens no processo metodológico ficou restrita aos mapas presentes no livro didático de Geografia. A partir da investigação empírica propomos a linguagem do Geozine que se originou na nossa prática docente. O Geozine pode se constituir um suporte de combinações de linguagens diversas para o ensino de região, articulando diferentes escalas espaciais. A partir da maturação teórica e metodológica e da nossa prática em sala de aula no curso de licenciatura em Geografia, o Geozine se configura enquanto possibilidade de ensino de conteúdos diversos. Por combinar diferentes linguagens: poema, canção,

REFERÊNCIAS

DOZENA, Alessandro. O papel da corporeidade na mediação entre a música e o território. In: _____. **Geografia e música: diálogos**. Natal: EDUFRRN, 2016. p. 373-398.

FERRAZ, Cláudio Benito O. Arte, imagem e geografia: desafios e temores para o pensar. In: NUNES, Flaviana Gasparotti e NOVAES, Ínia Franco de (Org.). **Encontro, derivas, rasuras: potências das imagens na educação geográfica**. Uberlândia-MG: Assis editora, 2017. p. 63-101.

imagem, textos escritos e estimular a criatividade, na composição há um trabalho intelectual.

Quanto ao objetivo de desenvolver o Geozine como um suporte que possibilita o encontro com linguagens diversas para o ensino de região o que favorece a articulação de diferentes escalas espaciais, esse foi possível em virtude da base teórica sobre a concepção regional, da linguagem, bem como sobre as metodologias utilizadas em sala de aula na construção de conceitos, os professores refletiram metodologicamente e usaram de colagens de imagens, canções, poemas, além de desenharem para materializar o que eles entendiam sobre o Cariri Cearense e o Nordeste. Nisto, o Geozine se configurou como algo que de fato pode ser anexado à prática docente. Consideramos que as linguagens são possibilidades que podem servir de caminho metodológico nas aulas de Geografia.

O terceiro momento desta pesquisa, o de colher as sementes plantadas, ganhou corpo com o Geozine, que se constitui numa possibilidade de ensino do conteúdo de região. Na confecção dos Geozines os professores ampliam o uso de linguagens na sala de aula, associado ao uso do material do livro didático de Geografia. Na formação inicial, no curso de licenciatura em Geografia da URCA, os Geozines já assumem a dimensão de linguagem para se pensar os conteúdos aos futuros professores.

Os Geozines assumem, no espaço escolar, a função metodológica para ensinar conteúdos da Geografia, assim como as canções e as outras indicações sobre linguagens que já existem para a sala de aula, o Geozine entra no rol da possibilidade, pois esse ainda depende das escolhas do professor no seu fazer didático.

SILVA, Antonio Marcos Gomes da. **Geozine**: linguagem para o ensino do conteúdo de região na geografia escolar. 122 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Tradução Jefferson Luiz Camargo, revisão técnica José Cipolla Neto)